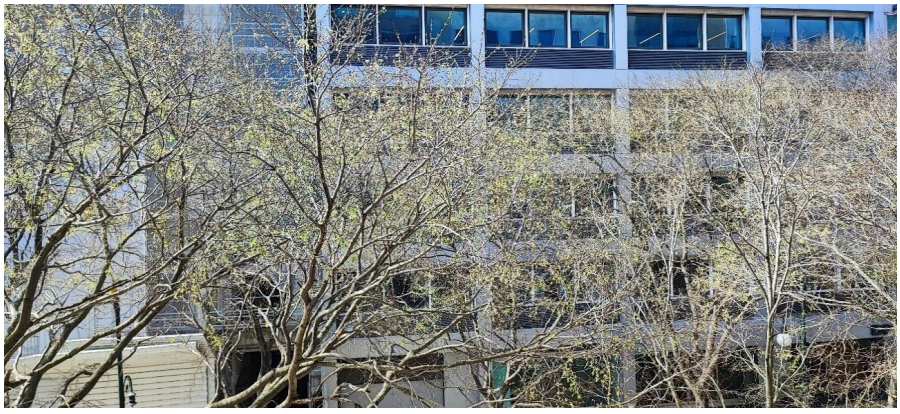
O Psicanalista na Cidade.
Variações e Improvisos sobre o mesmo tema.

Filipe Baptista-Bastos[1]

I

De uma janela quadrada vejo uma nesga da cidade em obras, cidade que vive e onde se vive uma convulsão permanente. Estão lá andaimes a pentear a fachada de prédios que serão hotéis ou zonas de escritórios – de trabalho comum, onde pessoas, usualmente, de outros países, podem beber um copo; ir à piscina; comer uma refeição leve e moderna e estar ao computador. A minha é uma janela infantil, tal e qual um desenho meu, de quando tinha 9 anos, nem parece que é assim, mas é…



Estou sentado no consultório, num daqueles simpáticos cadeirões do IKEA que me dão cabo das costas e vou espreitando por esta janela, lado a lado, com um menino acolhido do Oriente, vindo de uma Via Sacra de campos de refugiados e de perda; violência e trauma, comentamos o avanço das obras do belíssimo prédio à nossa frente. Comentamos como se escrutinássemos as jogadas de um Benfica vs. Sporting. Toda a carga afectiva e *função simbólica* vai

[1] Psicanalista, PsiRelacional
filipebaptistabastos@gmail.com

bulindo na minha mente e no meu corpo (recebo-o com um abraço ao qual se entrega, como um filho salta para os braços de um *Pai idealizado*).

E vamos por aí a fora: olho de esguelha para me distrair quando já quase não tolero a *tara* de um homem de 60 anos que agora está a viver num vão de escadas. E, e, e, não há quartos em Lisboa, não há mesmo, muito menos para quem vive do rendimento social de inserção. Vem a insuportável *tara*, claro, uma excrescência racista. E divago a ver as águas-furtadas, a imitar Paris do século XIX, de um prédio à ilharga, onde debutantes de novas empresas vão divertidos fumar.



Vagueio mas não me perco e vou a Melanie Klein, à *Identificação Projectiva*. Humilhado, e sem conseguir entrar em contacto com o sentimento, este senhor projecta-o nos "brasileiros". Certa vez, abraçamo-nos à despedida, é o costume, ele começa a dizer mal dos "brasileiros". Digo-lhe em frente ao Segurança, à Assistente Clínica, que estão no balcão, às pessoas que aguardam na sala de espera, "Deixe-se disso! Fica-lhe mal!" Podíamos ir ao "*Ódio na Contratransferência*", do Winnicott, mas não vale a pena, um Psicanalista na cidade, como escreveu Neill Altman no livro referencial sobre o assunto, é uma figura de afecto. Ele conta como a história familiar o levou a trabalhar na Bronx. Faz uma auto-análise preciosa, à moda freudiana, da influência que a história dos pais teve nesta escolha e direção. Não me vou demorar com essas coisas, mas sou da cidade, de um bairro típico, conheço-a como a palma da minha mão. Tal-

vez isso não seja para aqui chamado ou talvez seja, porque há um *Enactment* nisto tudo, um toque, um contacto que tem a ver com quem o Psicanalista é. As pessoas procuram pessoas com quem imaginam que se vão identificar.

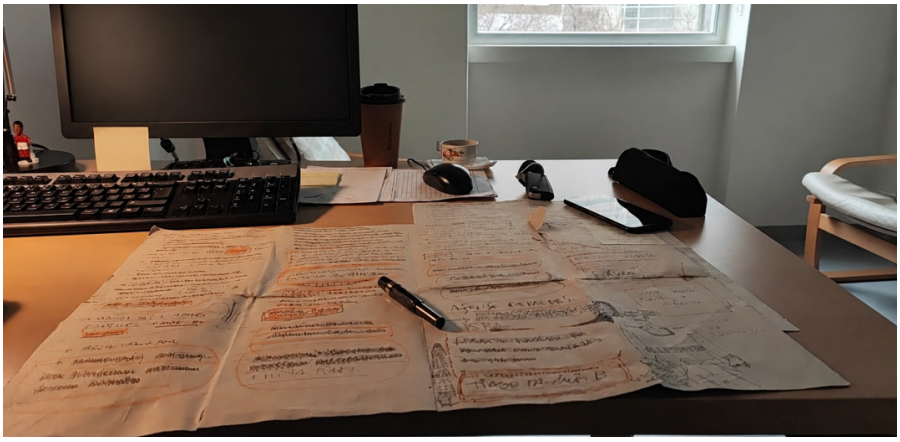
Havia um homem que ameaçava toda a gente no Serviço, um *bebé voraz* kleiniano, exigia tudo a qualquer hora e nada o satisfazia. "Vou mandar esse gajo do 7º andar!" Todas as pessoas se preocupavam com ele, a voz gutural, a gesticulação, o rancor que emanava do sentimento de abandono e, por acaso, lembrava-me dele da infância, de vê-lo nos eléctricos, alegremente, à conversa com os guarda-freios. E o Segurança ia dizendo "à boca pequena", que "O doutor é que se ajeitava com este fulano".

Da janela só vejo pontos de luz, é a última Sessão do dia. "Liguei-te porque quis-me matar, senão não te ligava ao fim-de-semana a chatear-te!", "Tinha o telemóvel da Misericórdia desligado, às vezes desligo-o, senão já sabe que atendia. Liguei-lhe logo na segunda de manhã, mal vi.", "Mandei-me escadas abaixo e foi o meu filho que me agarrou, ia pela janela!", "Não percebi! Pode explicar melhor.", "Antes quis mandar-me pela janela, mas ele agarrou-me!", "Como da outra vez." digo-lhe esgotado, a tentar relacionar-me com um filho de um Pai alcoólico, violento e de uma Mãe néscia, ausente, em fuga, hoje um homem alto e magro, pouco mais velho do que eu. "Nós somos da mesma criação!", "Bom! - digo – você nem se lembra de mim, mas, realmente, lembro-me bem de si e tivemos amigos em comum naquela altura."

Possivelmente é importante cativar os Psicólogos para a clínica pública, para lá se encontrarem, nessa exigência, que é uma poderosa fragilidade, uma *revêrie*. Ali, talvez em qualquer sítio, somos um fogo-fátuo teimando permanecer. É um bom local para nos sentirmos frágeis e entrarmos em contacto com *autorrevelações* transgressivas. Pelo menos para mim.

Nasceu em África, veio para cá com meses, conheço-o desde a infância e não quero dizer mais, a não ser que falamos e falamos e falamos sem sair do mesmo sítio, já nem sei onde estamos.

E aqui parei de escrever.



Até aqui escrevi de uma assentada, mas aqui detive-me, porque é muito difícil escolher trechos de uma conversa eterna. Grada Kilomba no livro "*Memórias da Plantação*", Michael Eiguen no artigo "*I Don´t Know*", Freud no "*Construções Em Análise*", Gianni Stuparich no romance "*A Ilha*", Franz Fanon no clássico "*Pele Negra, Máscaras Brancas*" (talvez ele, sobretudo), todos eles e muitos mais servem para procurar entender estes encontros, mas… enquanto Psicanalistas temos largos anos na vida das pessoas com quem trabalhamos e são um grupo reduzido, pois o tempo não nos deixa ter mais. Estas pessoas têm um significado que não é domesticável.

Diz-me ele: "Conta-me lá tu quando eras miúdo!"

"Vivia num Bairro, percebo os teus códigos, mas o teu Bairro não é o que era o meu Bairro nos anos 80. Não sei que te diga, fazes-me falar e isso é agradável para o meu narcisismo, mas não sei se te ajuda. Lembro-me de passar por cima das pernas dos "agarrados ao cavalo" para ir buscar pão à minha Mãe. Fazia da rua casa, porque as nossas casas eram más, casas de um Bairro medieval árabe. Tu decoraste o Corão sem saber o conteúdo, eu via a Lua de Verão escondida nos arcos e a surpreender o fim das vielas. Mas vamos lá falar de ti!"

"Não sei bem! Saio pouco de casa… acho que estás desactualizado. És de outra geração. Hoje trabalha-se na Net, não é preciso ir à escola."

"Foi uma coisa em que nunca consegui ajudar-te, és culto e inteligente, mas recusas a escola, não tens coragem de competir, acho que sentes que vais perder.

Na altura do meu Pai é que havia vários autodidatas, agora, para mostrares serviço tens de ir para um curso superior, mesmo que desistas logo a seguir. Sabes alguma coisa do teu Pai?"

"Não. (diz a murmurar). Deve estar na Alemanha a viver dos subsídios do Estado. Agora não tenho medo dele."

E corremos à rédea solta até falarmos de livros e ele vai buscá-los à Biblioteca Municipal.

""Crime e Castigo", grande livro!"

"Lia-o nos intervalos de consulta ou quando tinha faltas. Isto foi quando dividia o consultório privado com um Camarada de Ofício, o Miguel Barros, o livro era dele. Esse consultório era porreiro. Tinha uma vista incrível da cidade, prédios sem fim a apontar a oriente."

Quando se tem muito vazio, não vejo outra forma que não seja construir uma relação profunda, com vivências, memórias, tensões e respeito pelo outro e uma sagrada paciência. Porque nós temos os nossos valores e as nossas crenças e será pouco inteligente acharmos que vamos ser neutrais. Ainda para mais na cidade onde há de tudo, para além do que se possa imaginar.

"Será que, no fundo, todos os boicotes ao **Outro**; "Outro-escola"; "Outro--sociedade"; "Outro-namorada" tenham a ver com uma gigante dificuldade de separação da tua Mãe?".

Vejo-o no quarto, através do rectângulo do telemóvel. Jovem, belo e esguio, imóvel tal e qual uma estátua. Como um fotograma do realizador Pedro Costa. Os lábios e os olhos mexeram:

"Talvez? Tu já me disseste que tenho medo de me ligar, que tenho medo de mulheres."

"Tudo isso e o facto de seres um jovem homem negro, com baixíssima qualificação académica. E aí ficas neoliberal, anárquico, o mundo é um caos, nada faz sentido, safe-se o mais forte!"

"É a identificação ao agressor? Como tu dizes?"

"Sim é isso! Morrer ou matar!"

A Inês Piteira, que trabalha no gabinete ao lado do meu, e aparece rápido e vai rápido, uma vez disse-me: Por vezes andamos tão fora, na vida, na mente da outra pessoa, que custa aterrar.

Parece que vivemos em outro estado mental. Talvez?! Navegamos à vista com *transferências*, parte a parte, intensas e delicadas, que, normalmente, nos levam aos trambolhões para relações precoces de instabilidade, negligencia física e psicológica e nos forçam a entrar em contacto com aquilo de que desejamos fugir.

II

Pequeno, musculado, tensional, com os braços repletos de cicatrizes. Fê-las enquanto esteve no Centro de Acolhimento de Refugiados. Viveu, de uma forma indistinta e fusional com uma namorada muito deprimida. Ela esgotou-se nele e dele e pô-lo na rua. Pede-me dinheiro, exige-me que fale com o *técnico responsável pelo processo*, para lhe explicar que precisa de mais dinheiro. Fala português com dificuldade, mas esforça-se, o que é impressionante para quem vem de uma língua tão distante e agora expressa o que sente e carece numa língua latina. Muitas vezes peço-lhe que me explique melhor. E as cores da paleta emocional estão lá, como estão em mim. Tem muitos irmãos, começou a trabalhar em criança e mal foi à escola. A casa tinha chão de terra: quatro paredes e um tecto. Chorava com uma angústia de quem não sabia o que precisava, sentia-se mal e longe de casa. Tinha atravessado dois continentes para chegar aqui. E penso, para mim, que diabo de mundo em que estamos metidos.



E acabo a Sessão erguendo-me agarrado aos braços de papel prensado da tal cadeira do Ikea e vou buscar um miúdo que tem um PEI (Plano Educativo Individual para Necessidades Educativas Especiais) na escola e sonha que ainda vai ser jogador de futebol do Belenenses – e como eu gosto do Belenenses – e ele finge que não tem dificuldades a aprender e eu sinto-me tão ligado a ele e à forma que encontrou de viver uma sociedade tão intolerante e ele, tão intolerante em aceitar um colega que assumiu a homossexualidade. E imagino a escola que frequenta através do meu olhar do liceu. E é como se nos encontrássemos ali no pátio da escola a olhar olhos nos olhos e a querer ser melhor. Conta-me o primeiro desgosto amoroso; estivemos meses a aceitar o choque, a paragem que teve, cheio de ansiedade; quando conheceu a namorada do Pai, as constantes preocupações com os defeitos do corpo; que tiravam o sono e faziam com que não pudesse consigo mesmo. Lá foi.

Pestanejo com um copo de chá Príncipe na mão. As cores das folhas secas de chá são da mesma cor da pele de uma mulher que voou da América latina para a Europa, com uma viagem paga por uma máfia galega que fazia saldar a dívida através da prostituição. Estava sempre de óculos de sol, como o Miles Davis, para não lhe roubarem a alma, embora eu pensasse que já havia pouca alma para roubar. Um choro intenso, sem fim, e era para isso que a Terapia servia, para haver um lugar para essa dor, para esse drama escondido. Decorava-se, perfumava-se e medicava-se para se suster no quotidiano. Enchia o consultório com essa máscara, que logo derretia e todo o clima era sufocante, com narrativas de uma violência atroz. Mas ela estava ali, apoiada pela Acção Social, acompanhada pelo Centro de Saúde, a deslizar como um fantasma, sentada ao nosso lado no Metro; a limpar a casa de vizinho da frente; a comprar fruta no Chinês. A tornar-se invisível, a desaparecer, a não ser nos poucos metros quadrados da sala de Análise. Mesmo que não quisesse, o mundo entrava-me pela porta adentro.

A Psicanálise serve para tratar, ajudar, numa relação profissional cooperativa, a tornar a vida do outro mais livre e alegre, sem ou com menos e mais leves sintomas. Ao contrário do que, muitas vezes, se pensa, a Psicanálise não é um dogma que se basta a si próprio. Não é mesmo.



Fotos da janela tiradas por mim e por pacientes entre o fim de 2023 e este ano de 2024. A minha foto foi tirada por um paciente em 2024.

Muito obrigado por me escutarem,
Lisboa 26 de Julho / Albufeira 22 de Agosto de 2024.

Bibliografia:

Altman, N. (1995). *The analyst in the inner city: Race, class, and culture through a psychoanalytic lens*. Analytic Press.

Eigen, M. (2011). I don't know. Em *Contact with the depths*. Routledge.

Fanon, F. (2017). *Pele negra, máscaras brancas*. Livraria Letra Livre.

Freud, S. (1975). Construções em análise. Em *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (J. Salomão, Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: Episódios de racismo quotidiano*. Orfeu Negro.

Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. Em *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Imago.

Klein, M. (1957). Inveja e gratidão. Em *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Imago.

Stuparich, G. (2009). *A ilha*. Ahab.

Winnicott, D. W. (1978). O ódio na contratransferência. Em *Da pediatria à psicanálise*. Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1947)